



A ECONOMIA DO COURO NA PRODUÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO EM PELOTAS – RS: DO SURGIMENTO À ATUALIDADE

CONCEIÇÃO, Josuan Ávila da¹

*¹Laboratório de Estudos Urbanos e Regionais – ICH/UFPeI
Rua Coronel Alberto Rosa 154 – CEP 96010-770. E-mail: jadconceicao@yahoo.com.br*

1. INTRODUÇÃO

O couro teve uma significativa contribuição na produção do espaço geográfico em Pelotas, exercendo uma importante influência no contexto em que sua cadeia principal – os curtumes –, surge como organização sócio-econômica na transição da charqueada para a industrialização, cujas matérias-primas são produtos pecuários, antes aproveitados nas charqueadas, e agrícolas, vindos das colônias do município. As indústrias especializadas no processamento do couro em Pelotas tiveram um significativo desenvolvimento, com um número considerável de estabelecimentos instalados, durante boa parte do século XX. Mesmo assim, fatores locais, regionais, nacionais e globais contribuíram para que os curtumes fossem drasticamente reduzidos, em números absolutos, nos tempos atuais, com grandes dificuldades para a manutenção daqueles que permanecem ativos atualmente.

Este trabalho enfoca os aspectos espaço-temporais que contribuíram para o surgimento dos curtumes na economia pelotense, quais as suas características produtivas, as suas influências na configuração espacial da cidade, e como está a sua atividade na atualidade, evidenciando também os motivos pelos quais este setor econômico entrou em decadência, quase se extinguindo em Pelotas. Neste sentido, busca-se a análise das relações e dinâmica existentes entre estes fatos que levam a esta realidade em Pelotas.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Foram feitas revisões bibliográficas sobre autores que tratam diretamente da produção coureira e o contexto em que as atividades surgiram e eclodiram em Pelotas, com seus processos espaciais. Simultaneamente, foram realizados levantamentos em jornais e revistas antigas, para a coleta de dados secundários sobre a produção de couro no município, assim como na Internet, para aquisição dos dados da Pesquisa Trimestral do Couro, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e de informações da realidade atual da cadeia produtiva em associações estadual e nacional que agrupam os produtores de couro, respectivamente a Associação das Indústrias de Curtume do Rio Grande do Sul

(AICSUL) e o Centro das Indústrias de Couro do Brasil (CICB). Por fim, adotou-se a entrevista com proprietários de indústrias coureiras pelotenses na obtenção de dados e informações primárias, analisando as causas e a realidade de seus estabelecimentos no contexto atual, assim como as suas perspectivas futuras de permanência no contexto produtivo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Pode-se situar o início das atividades industriais em Pelotas a partir da segunda metade do século XIX, onde o charque, que sustentava a economia e a sociedade pelotense, demonstra sinais de enfraquecimento. As charqueadas locais enfrentavam a concorrência dos saladeiros argentinos e uruguaios, que dispunham de amplas vantagens, como: alta qualidade do gado bovino; baixo custo nos materiais e meios de produção; maior proximidade com o litoral, permitindo menores gastos com o deslocamento das mercadorias para exportação; incentivos políticos governamentais; e adoção de práticas capitalistas, como o trabalho assalariado.

As charqueadas pelotenses demonstravam crises sucessivas, devido ao seu sistema de produção arcaico, com o uso de mão-de-obra escrava onerosa, cujos gastos eram enormes para sua manutenção, e ainda sofrendo negligências do poder central do Império brasileiro (que prioriza o café). Além disso, ocorre a vinda dos imigrantes europeus – predominantemente alemães e italianos – para o Rio Grande do Sul que, instalando-se nas regiões norte, nordeste e noroeste, desenvolvem-se, exercendo influências maiores e, posteriormente, ocupando a hegemonia regional, superando a elite pecuária. As causas da imigração estão associadas à expansão da Revolução Industrial na Europa, em que, com a acumulação de capital pela burguesia industrial, a ascensão da maquinofatura e a concentração de terras agrícolas, há a liberação de mão-de-obra especializada em produção artesanal a ser absorvida em outros segmentos e em outras localizações geográficas. A política de imigração vem atender tal necessidade.

Parte dos imigrantes europeus se instala na Região de Pelotas. Dentre eles chega, conforme afirmado por Voss (1995) o “burguês imigrante”, possuidor de conhecimentos sobre determinado setor econômico e de considerável capital acumulado, permitindo que invista em seus negócios e sendo bem-sucedido. Há a expansão de pequenas unidades fabris, que trabalham a partir da matéria-prima oriunda das charqueadas, estando o couro como um dos principais elementos beneficiados. Juntamente, surgem indústrias com várias especialidades específicas, como: velas, sabão, tecidos, cervejarias, frigoríficos (de capital internacional), olarias, conservas, adubos e produtos químicos.

Diferentemente das charqueadas, os curtumes adotam práticas capitalistas de produção, como o trabalho assalariado e qualificado, que permite maiores lucratividades com o aprimoramento dos materiais, com menores perdas e maior aquisição de valor agregado. Com isto, os couros beneficiados ganham consideráveis fatias do mercado interno e externo, tornando-se competitivo e chegando a receber premiações em eventos nacionais e internacionais do setor. Com maiores lucros, os curtumes pelotenses puderam investir em maquinários importados, oriundos da Alemanha e dos Estados Unidos.

Segundo registros levantados por Marques (1990), o primeiro curtume estabelecido na região de Pelotas seria o do Cel. Tomás José de Campos, no Monte Bonito, por volta de 1840. Este empreendimento era especializado na produção de

couros envernizados, desenvolvidos por técnicos prussianos, com aceitação considerável no mercado externo. Na segunda metade do século XIX, tem-se a criação de dois conhecidos curtumes: “Gomes, Silva & Co.”, em 1869, de propriedade dos portugueses Antônio Luiz Gomes da Silva e Manoel Gomes da Silva; e do curtume Júlio Hadler, em 1895, de propriedade de Júlio Hadler e Guilherme Sassen. Ambos os estabelecimentos tinham uma diversificada produção, desde couros *in natura*, até produtos manufaturados, como calçados e solas.

Outros curtumes instalaram-se em Pelotas ao longo do período. Segundo Osório (1997) e Anjos (2000), seriam eles: Barros Coelho & Cia.; Prosper Atribat; Zitzke & Seus; João Haje Guilherme Sielburger; Curtume Moraes & Cia.; Antônio dos Santos Reis; Carvalho Teixeira; Curtume de Manoel Lopes Rodrigues; Henrique João Hadler e Germano Feichert; Manoel Prieto e Domingos da Nova Prieto; Manoel Cassal Cadarna e Ramão Cassal Cadarna; José Ignácio Coelho e José Maria Duarte; Antônio dos Santos Moreira, Jacinho Guedes Ferreira e José Antônio Diniz; Antônio Henrique Nogueira e Anselmo Antônio Amaral; Antônio Henrique Nogueira e Domingos Martins Pinheiro; Antônio Martins Pinheiro e Domingos Martins Pinheiro; Albino João Cardoso e João Haje Guilherme Sielburger.

Apesar do número elevado, a economia coureira em Pelotas não apresenta bases solidificadas que permitissem a sua expansão. Isto era visível na própria situação de periferia em que se encontrava a economia pelotense no âmbito estadual, agora já com a hegemonia das regiões norte e nordeste gaúchas, incluindo as áreas de imigração alemã, como os vales dos Rios Caí e dos Sinos, onde a economia do couro é amplamente desenvolvida, tendo amplo dinamismo (volume maior de capital disponível para investimentos), e condições naturais favoráveis, como uma rede fluvial disponível para o escoamento dos produtos aos locais de exportação. A ideologia do positivismo tem grande influência para a expansão econômica das áreas ao norte do Rio Grande do Sul, pois estimula os investimentos na produção industrial destes locais e nos meios de transporte, ampliando a diversificação e a conquista dos produtos de novos mercados consumidores. Isso reflete-se ao longo do século XX, com uma drástica redução no número de curtumes em Pelotas: em 1955, de acordo com os dados do IBGE (1959), existiam 26 curtumes em atividade; em 1980, haviam 06 estabelecimentos do setor e, em 2009, há apenas 02 curtumes ativos: Santa Fé e Yurgel S/A.

Atualmente, os curtumes em Pelotas enfrentam graves dificuldades. Ocorrem os problemas da própria estrutura das empresas, como a baixa capitalização e dificuldades em arcar com despesas na produção, encarecendo-a e diminuindo o volume de negócios, ocasionando a paralisação ou o fechamento das indústrias, como o ocorrido com o curtume Arthur Lange em 2008, localizado no município de Turuçu. Outra situação encontrada é a baixa qualidade da matéria-prima local, comumente afetada por pragas e doenças que reduzem a capacidade produtiva na pecuária, forçando os setores industriais a importarem matérias-primas de fora do território municipal. Além disso, há o forte aparato do Estado, na exigência do pagamento de impostos e do cumprimento de medidas ambientais rigorosas pelos curtumes, mas que não são compensados pelo mesmo quando estão em crise.

Em escalas geográficas amplas, a redução e quase extinção da atividade coureira explicam-se pela expansão da “Fronteira Agrícola” ocorrente no Brasil, com a desconcentração econômica das principais metrópoles brasileiras, expandindo-se para as regiões Norte e Centro-Oeste do País, inclusive as indústrias curtumeiras, que passam a competir com estabelecimentos das demais regiões. Isto reflete negativamente nos dados da Pesquisa Trimestral do Couro do IBGE. A participação

gaúcha em 1997 em couros curtidos era de 26,62% do total produzido, despencando para 11,38% em 2007, apesar do aumento da produção do Brasil no período. Por fim, há o processo de globalização mundial e de modernidade econômica. Além do câmbio entre o real e o dólar (em que a desvalorização desta dificulta a exportação dos produtos de couro), das transações comerciais externas para aquisição de materiais onerosos e da necessidade de aprimoramento da produção, também se inclui o advento do couro sintético, considerado mais barato e de melhor qualidade, que vem ocupando o mercado consumidor de calçados e artefatos.

4. CONCLUSÕES

Anteriormente tida como uma atividade promissora, devido a facilidades, como a abundância de matérias-primas e a disponibilidade de mercados consumidores, o processamento industrial do couro vem enfrentando graves problemas. Na cidade de Pelotas, tal realidade é nítida, pois apenas dois curtumes hoje em funcionamento, ao passo que o seu número ultrapassava em vinte nos anos 1950. A economia do couro em Pelotas nunca apresentou uma atividade consolidada e próspera, como é nos vales dos Rios Caí e dos Sinos. Com isto, ela tende a ser extinta em Pelotas, visto que sua produção vem se retraindo, com seus estabelecimentos remanescentes estando em dificuldades e encerrando suas atividades.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANJOS, M. H. **Estrangeiros e Modernização: a cidade de Pelotas no último quartel do século XIX**. Pelotas: UFPEL, 2000.
- CONCEIÇÃO, J. A. **O Couro como agente na produção do espaço geográfico em Pelotas – RS**. Monografia. Pelotas: ICH-UFPeL, 2008.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros: Municípios do Estado do Rio Grande do Sul**. XXXIV Volume. Rio de Janeiro: IBGE, 1959.
- MARQUES, A. F. **Evolução das Charqueadas Rio-Grandenses**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1990.
- MARTINS, C. A. **Couro: do auge à decadência**. Um estudo sobre as indústrias pelotenses de couros e peles entre 1980 e 1999. Monografia. Pelotas: NDH-ICH-UFPeL, 2000.
- OSÓRIO, F. **A Cidade de Pelotas**. 3ª.ed. rev. Organização e notas de M. O. Magalhães. Vols. 1 e 2. Pelotas: Armazém Literário, 1997.
- PESAVENTO, S. J. **República Velha Gaúcha: charqueadas, frigoríficos, criadores**. Porto Alegre: Movimento/IEL, 1980.
- PIMENTEL, F. **Aspectos Gerais de Pelotas**. Porto Alegre: Typ. Gundlach, 1940.
- Revista Mascara – Magazine Mensal**. Porto Alegre: Oficinas Gráficas da Livraria do Globo, 1922.
- SANTOS, M. & SILVEIRA, M. L. (orgs.). **O Brasil: território e sociedade no século XXI**. 9ª.ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- SILVA, A. R. **A Indústria do Couro no Rio Grande do Sul (1810-1900)**. Monografia. Pelotas: NDH-ICH-UFPeL, 2007.
- VIEIRA, E. F. & RANGEL, S. S. **Geografia Econômica do Rio Grande do Sul: Espacialidade/temporalidade na organização econômica rio-grandense**. Porto

Alegre: Sagra/DC Luzzatto, 1993.

VIEIRA, S. G. **A Cidade Fragmentada**: O Planejamento e a Segregação Social do Espaço Urbano em Pelotas. Pelotas: Ed.UFPel, 2005.

VOSS, N. **A Indústria em Pelotas**: uma análise da Fábrica F.C.Lang e Cia. Monografia. Pelotas: NDH-ICH-UFPEL, 1995.